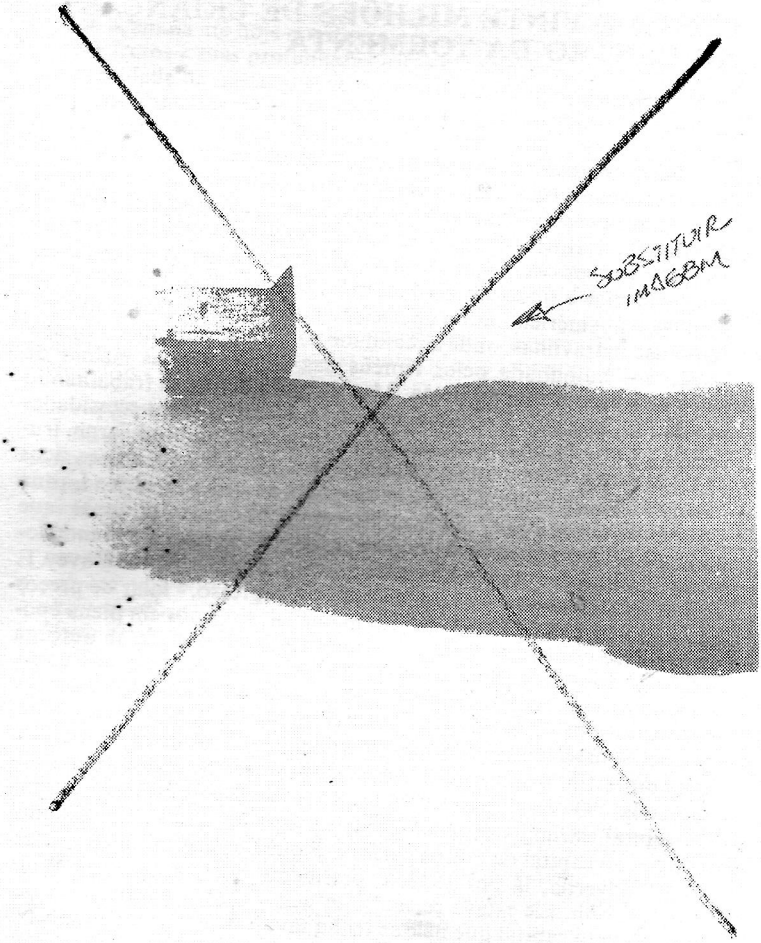
CADERNO P.I.A.

Projeto Interferência Ambiental

Ano 3 Número 03 ~~Setembro~~ FEVEREIRO 2005



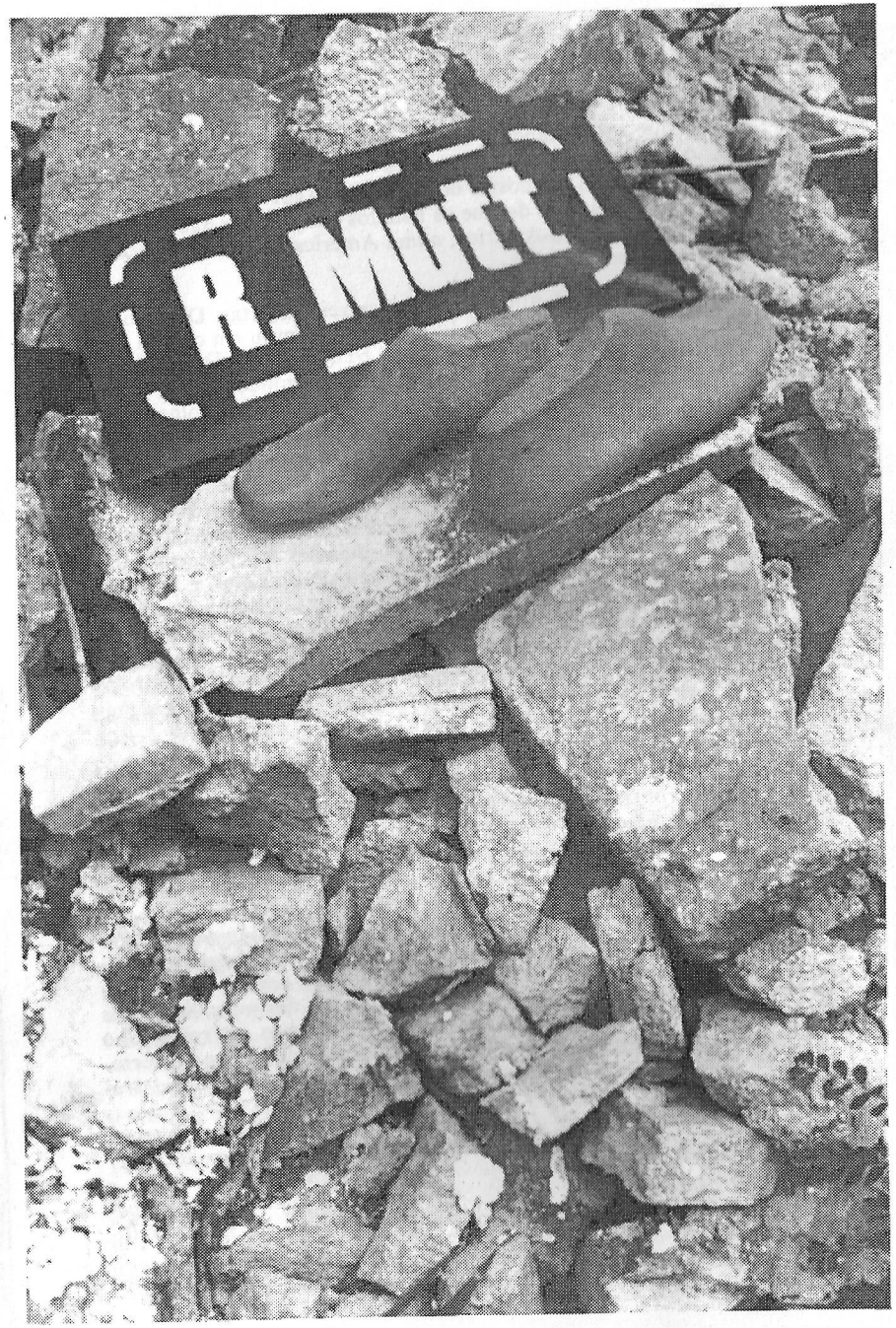
CENTO E VINTE MILHÕES DE CRIANÇAS NO CENTRO DA TORMENTA

Há dois lados na divisão internacional do trabalho: um em que alguns países especializam-se em ganhar, e outro em que se especializaram em perder. Nossa comarca do mundo, que hoje chamamos de América Latina, foi precoce: especializou-se em perder desde os remotos tempos em que os europeus do Renascimento se abalançaram pelo mar e fincaram os dentes em sua garganta. Passaram os séculos, e a América Latina aperfeiçou suas funções. Este já não é o reino das maravilhas, onde a realidade derrotava a fábula e a imaginação era humilhada pelos troféus das conquistas, as jazidas de ouro e as montanhas de prata. Mas a região continua trabalhando como um serviçal. Continua existindo a serviço de necessidades alheias, como fonte e reserva de petróleo e ferro, cobre e carne, frutas e café, matérias-primas e alimentos, destinados aos países ricos que ganham, consumindo-os, muito mais do que a América Latina ganha produzindo-os. São muito mais altos os impostos que cobram os compradores do que os preços que recebem os vendedores; e no final das contas, como declarou em julho de 1968 Covey T. Oliver, coordenador da Aliança para o Progresso, "falar de preços justos, atualmente, é um conceito medieval. Estamos em plena época da livre comercialização..." Quanto mais liberdade se outorga aos negócios, mais cárceres se torna necessário construir para aqueles que sofrem com os negócios. Nossos sistemas de inquisidores e carrascos não só funcionam para o mercado externo dominante; proporcionam também caudalosos mananciais de lucros que fluem dos empréstimos e inversões estrangeiras nos mercados internos dominados. "Ouve-se falar de concessões feitas pela América Latina ao capital estrangeiro, mas não de concessões feitas pelos Estados Unidos ao capital de outros países... É que nós não fazemos concessões", advertia, lá por 1913, o presidente norte-americano Woodrow Wilson. Ele estava certo: "Um país – dizia – é possuído e dominado pelo capital que nele se tenha investido." E tinha razão. Na caminhada, até perdemos o direito de chamarmo-nos *americanos*,

ainda que os haitianos e os cubanos já aparecessem na História como povos novos, um século antes de os peregrinos do Mayflower se estabelecerem nas costas de Plymouth. Agora, a América é, para o mundo, nada mais do que os Estados Unidos: nós habitamos, no máximo, numa sub-América, numa América de segunda classe, de nebulosa identificação.

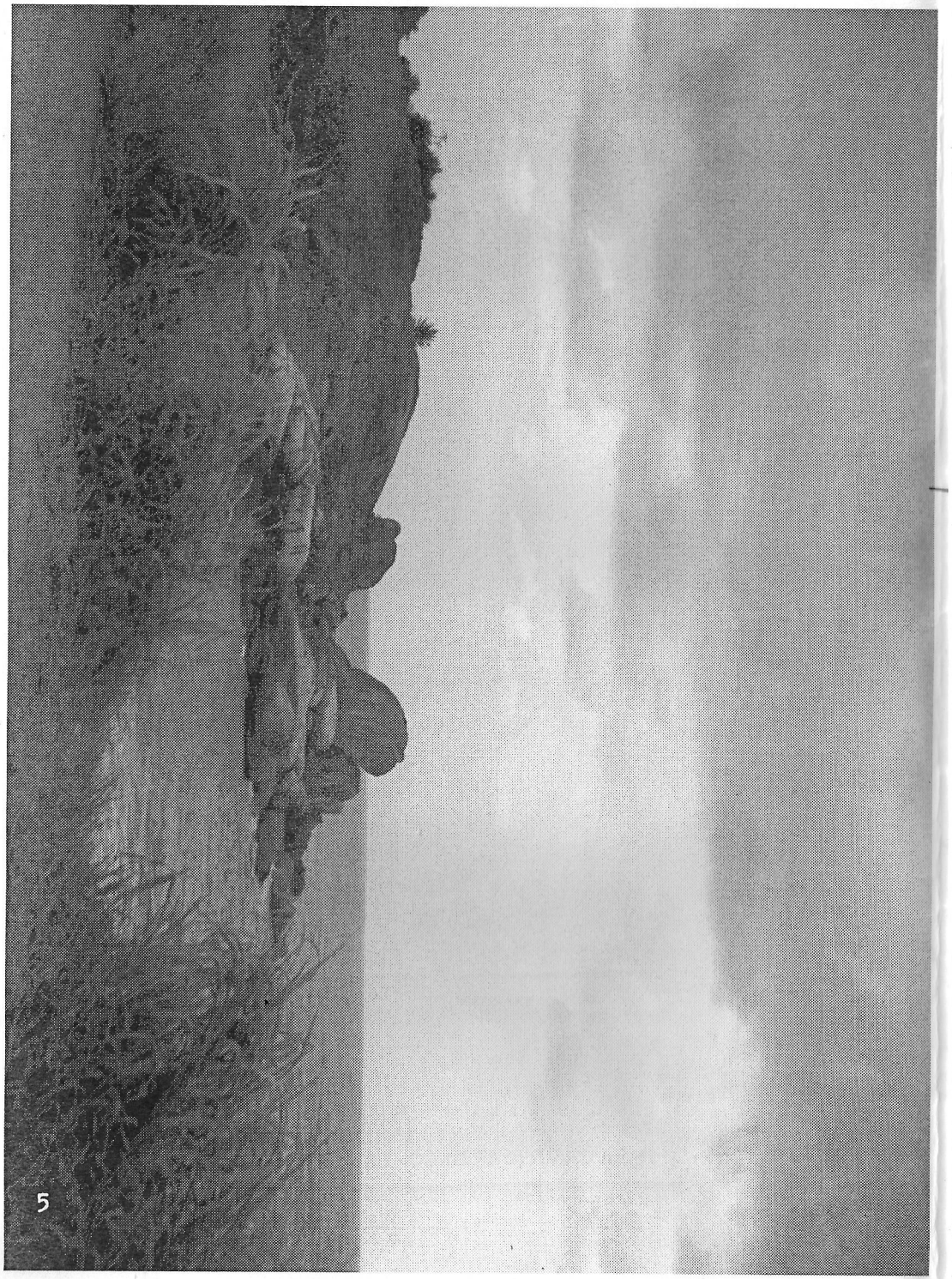
É a América Latina, a região das veias abertas. Desde o descobrimento até nossos dias, tudo se transformou em capital europeu ou, mais tarde, norte-americano, e como tal tem-se acumulado e se acumula até hoje nos distantes centros de poder. Tudo: a terra, seus frutos e suas profundezas, ricas em minerais, os homens e sua capacidade de trabalho e de consumo, os recursos naturais e os recursos humanos. O modo de produção e a estrutura de classes de cada lugar têm sido sucessivamente determinados, de fora, por sua incorporação à engrenagem universal do capitalismo. A cada um dá-se uma função, sempre em benefício do desenvolvimento da metrópole estrangeira do momento, e a cadeia das dependências sucessivas torna-se infinita, tendo muito mais de dois elos, e por certo também incluindo, dentro da América Latina, a opressão dos países pequenos por seus vizinhos maiores e, dentro das fronteiras de cada país, a exploração que as grandes cidades e os portos exercem sobre suas fontes internas de víveres e mão-de-obra. (Há quatro séculos, já existiam dezesseis das vinte cidades latino-americanas mais populosas da atualidade.)

Para os que concebem a História como uma disputa, o atraso e a miséria da América Latina são o resultado de seu fracasso. Perdemos; outros ganharam. Mas acontece que aqueles que ganharam, ganharam graças ao que nós perdemos: a história do subdesenvolvimento da América Latina integra, como já se disse, a história do desenvolvimento do capitalismo mundial. *Nossa derrota esteve sempre implícita na vitória alheia, nossa riqueza gerou sempre a nossa pobreza para alimentar a prosperidade dos outros: os impérios e seus agentes nativos. Na alquimia colonial e neo-colonial, o ouro se transforma em sucata e os alimentos se convertem em veneno.* Potosí, Zacatecas e Ouro Preto caíram de ponta do cimo dos esplendores dos metais preciosos no fundo buraco dos filões vazios, e a ruína foi o destino do pampa chileno do salitre e da selva amazônica da borracha; o nordeste açucareiro do Brasil, as matas argentinas de *quebrachos* ou alguns povoados petrolíferos de Maracaibo têm dolorosas razões para crer na mortalidade das fortunas que a natureza outorga e o imperialismo usurpa. *A chuva que irriga os centros do poder imperialista afoga os vastos subúrbios do sistema. Do mesmo modo, e simetricamente, o bem-estar de nossas classes dominantes – dominantes para dentro, dominadas de fora – é a maldição de nossas multidões, condenadas a uma vida de bestas de carga.*



" Fonte imaterial de desejos intangíveis"

SENHOR MOTORISTA, DESCULPAS PELA PERTUBAÇÃO, MAIS É A UNICA FORMA PARA EU TRABALHAR POR CAUSA DO DESEMPREGO NO BRASIL POR FAVOR ME AJUDE EU TENHO FAMILIA PARA CRIAR (OBRIGADO) UM R$ 1,00.



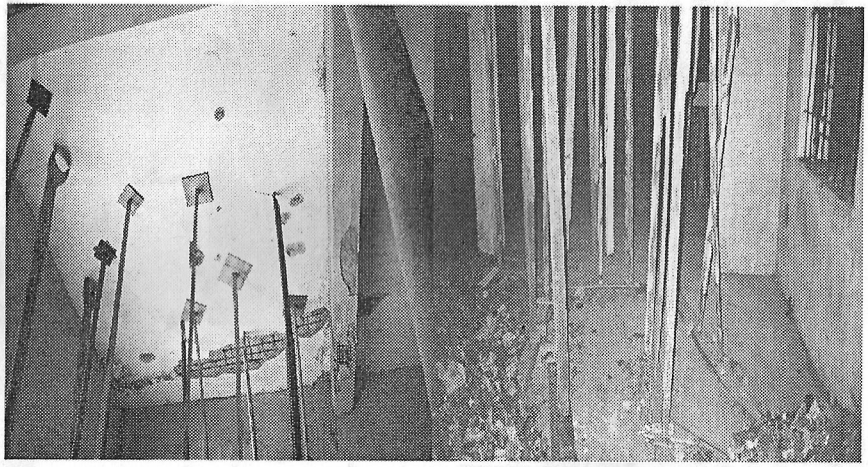
BIENAL DA UNE- SÃO PAULO 2005

CARDENO DO PIA

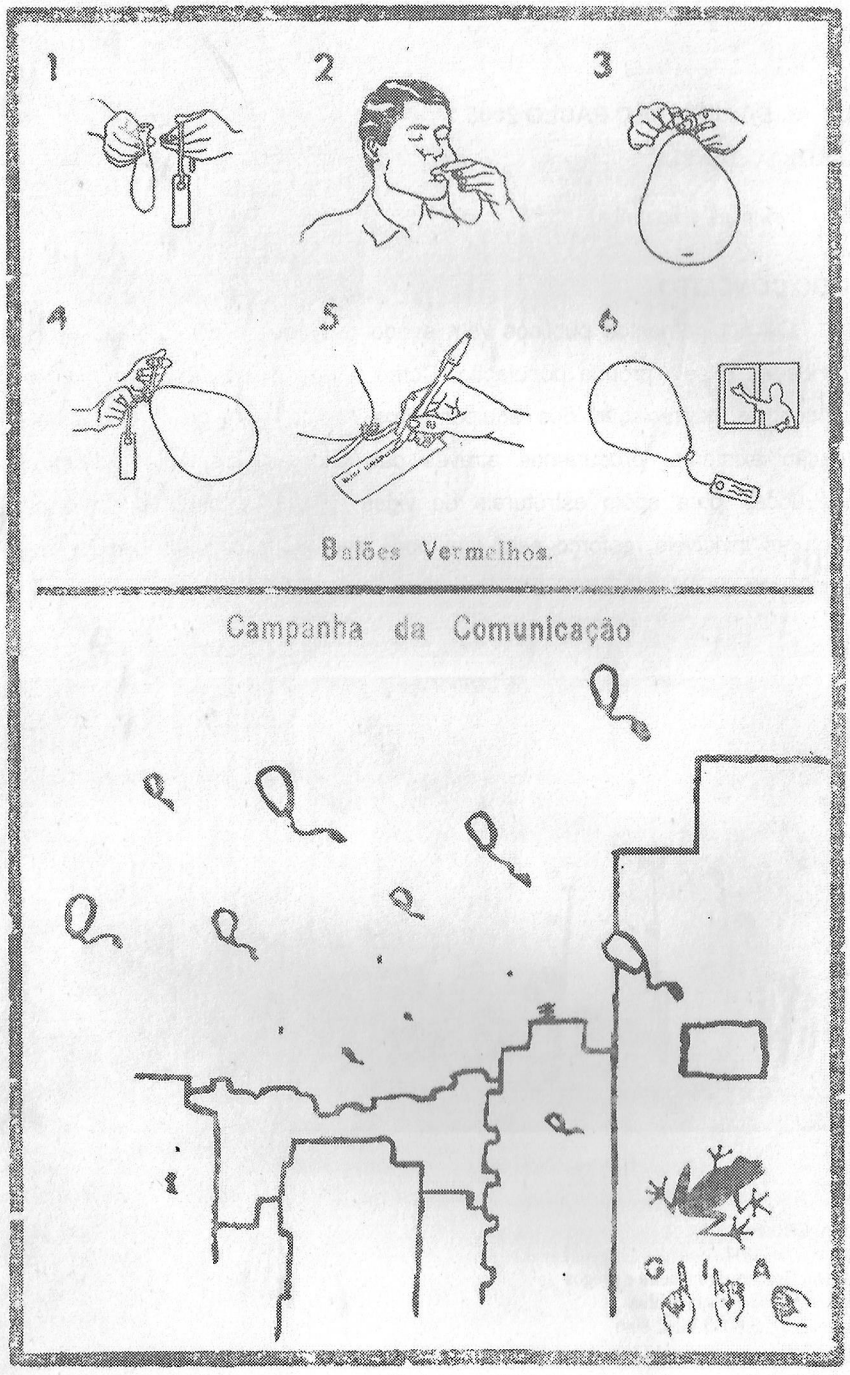
Marcos Martins (Batatinha)

1.0 DO CONCEITO

Os equipamentos públicos vem sendo relevados a níveis inaceitáveis pelas autoridades e pela própria população. Como reflexo deste descaso observamos o abandono e depreciação dos equipamentos. Como ***esforço*** de modificação da situação existente, procuramos através das escoras, elementos utilizados nas construções para apoio estruturais de vigas, pilares e paredes, "re-erguer" as estruturas invisíveis, esforço este que pode ser multiplicado através de reflexões da realidade vivida.



Titulo: Esforço
setembro de 2004
Técnica: Escoras de madeira e pregos
Intervenção no espaço publico
Dimensões : 3,00x3,00x2.80m



e d i t o r i a l

cuca

Esta é uma publicação do Circuito Universitário de Cultura e Arte/UNE

Edição Especial para o ~~5º Seminário do CUCA~~ 4º BIENAL DA UNE

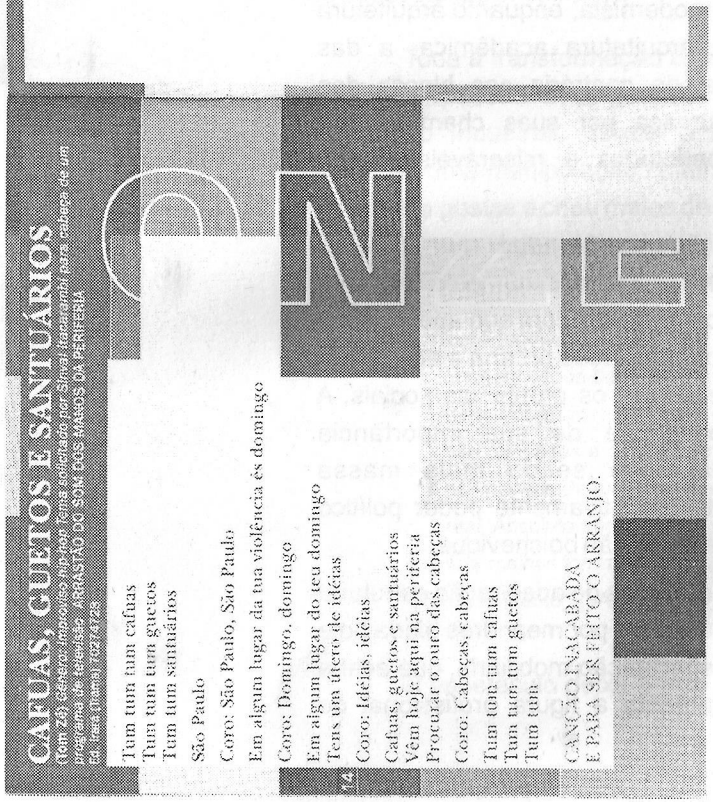
Tiragem: 1000 exemplares OK

Capa: ~~Obra de Cildo Meireles - "Grazielle do Sul"~~ → MUDAR IMAGEM

Coordenação Nacional dos CUCA's: ~~Luis Parras~~ ERNESTO VALENÇA

" " DIA ; GIA

Projeto Gráfico: ~~Kelly Teixeira~~ ZITO. estúdio de criação



Págs.1 e 2- texto de Eduardo Galeano - fragmento do livro "As veias abertas da América Latina"; pág.3 - Manoel Marcelo Gomes; pág.4 - Kelly Teixeira - da série "arte a um real"; pág.5 - Fábio Tremonte; pág.6 - Marcos Martins (Batatinha) - "Esforço"; pág.7 - GIA (Grupo de Interferência Ambiental) - "Campanha da comunicação - Balões vermelhos"; pág.8 - Tom Zé - "Cafuas, Guetos e Santuários"/ Editorial; págs.9, 10 e 11 - Texto de Priscila Lolata; pág.12 - Milena Durante; pág.13 - Poro; págs.14 e 16 - Luís Parras; pág.17 -Diana Vaz - "M.D.B.G."; Pág.18 - Floriana Breyer.

SURGE UMA NOVA CIENCIA MODERNA:

por Priscila Lolata

o urbanismo. Integrado por três outras áreas, sociologia, economia e arquitetura, o urbanismo, com caráter humanitário, deveria enfrentar metodologicamente as conseqüências da industrialização que atingiu a estrutura social das cidades, assim como a economia, a habitação e o modo de vida. Tendo como princípio, elevar a condição miserável de exploração que os patrões e especuladores impunham à classe operária, da mesma forma que deveria atender às necessidades habitacionais do grande número de pessoas que chegavam às cidades industriais, sem a mínima estrutura para comportar e atender tão rapidamente o grande crescimento populacional.

A arquitetura modernista, enquanto arquitetura social, opunha-se à arquitetura acadêmica, a das instituições. Sendo ainda contrária aos blocos das fábricas expelindo fumaça por suas chaminés, os armazéns e os superlotados e miseráveis bairros operários.

A Primeira Guerra Mundial aumentou o desenvolvimento industrial, tanto em números como em progresso tecnológico. O que fez com que aumentasse muito o crescimento da população urbana e agravasse os problemas de estrutura e os problemas sociais. A classe operária consciente de sua importância econômica e social, não sendo mais massa manobrável, conquista gradativamente poder político tendo como exemplo a revolução bolchevique.

Porém, as dificuldades de adequação estrutural das grandes cidades, passam por meandros ainda hoje questionáveis, o da especulação mobiliária, que acaba envolvendo financeiramente a figura profissional do

arquiteto gerando mais transtornos às condições urbanas das cidades.

Inserida no processo de transformação urbana desde o fim da Primeira Guerra, a cidade de São Paulo é referência brasileira do crescimento populacional dos centros industrializados. A imigração européia e asiática tornou a cidade altamente diversificada étnica e culturalmente. A arquitetura urbana progrediu com um "ousado modernismo". Segundo Ângela Pryston, São Paulo é o símbolo da modernidade que chega ao Brasil "com seus primeiros arranha-céus, seus viadutos de ferro, suas fábricas e seus bairros de operários" (2002, p. 50). Porém, a capital paulistana também sofre com a necessidade de estrutura para comportar o crescimento populacional exorbitante e as investidas inescrupulosas da especulação imobiliária.

Toda a transformação urbana, social e cultural pela qual passou a sociedade em decorrência da Revolução Industrial, deixou o homem moderno à mercê de uma manipulação cultural que subtraiu suas vontades e gostos e criou meios de indução tão eficazes que se tornam imperceptíveis dentro da sociedade de consumo. O consumo se tornou o valor maior,

> configuração do mundo em que a realidade torna-se imagem e toda sociedade vive de olhar para imagens de outros que vivem ao seu redor. Onde os indivíduos são obrigados a contemplar e assumir passivamente as imagens de tudo que lhes falta em sua existência real. Absoluta abstração do mundo, o espetáculo tem sua melhor forma na propaganda e no consumo do divertimento". (JAPPE, 1999, p. 82)

O espetáculo deixa a vida social afirmada pela

falsificação e pela alienação. É a pausterização do ser, do sentir, do ver, do ouvir, do vestir ao tempo que não há interlocução, há sim, o isolamento pessoal que acaba unindo os expectadores e formando um ciclo infinito. O coletivo é igual, o individual é inexistente. A alienação reflete a falsa consciência e gera uma necessidade que vai contra a vida. A vida é falsa. Os valores são distorcidos. As necessidades são consumistas. O capital é o gerador do espetáculo e o deformador da realidade.

As comodidades impostas através de conquistas publicitárias e a criação da necessidade se tornam elementos fundamentais para a sociedade contemporânea. Os que podem, tem; os que não podem, almejam.

Nessa conjuntura, a vida cotidiana passa a ser unicamente uma sucessão de dias dentro de uma diversidade trivial. O desafio é, como sensibilizar a sociedade alienada e com valores globais tão distorcidos? A arte como meio de interlocução entre o sentido e a razão é arma fundamental para causar o choque mesmo que momentâneo no ser programado.

Para que haja uma revolução no cotidiano das pessoas, é necessário instaurar novas formas de apropriação e modificação do espaço urbano. A cidade tem que ser vista além de sua configuração estabelecida. É necessário explorar os espaços urbanos para que sejam conhecidos e reconhecidos, seguindo a lógica da deriva (Jornal ERR, 2002, p. 16).

Priscila Lolata é mestranda em estudos teóricos nas artes visuais, na Escola de Belas Artes da UFBA. É docente em Comunicação social - Propaganda, nas Faculdades Jorge Amado, onde compõem o núcleo de pesquisa Humanidades. Integra o GIA.

Referências bibliográficas:

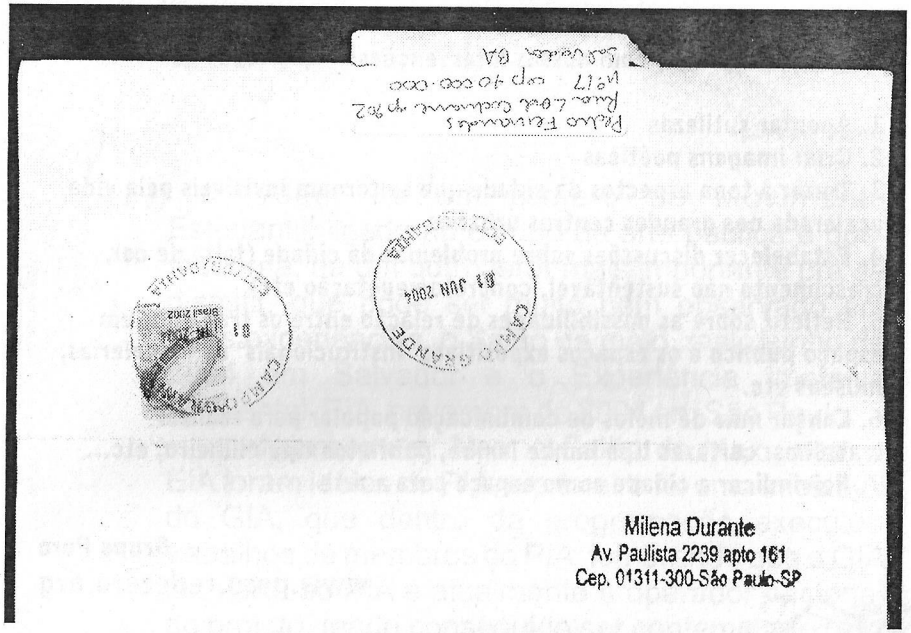
As idéias tratadas neste ensaio integram o artigo da autora "Arte urbana: a percepção do artista sobre a sociedade e o desencadear de sua obra" datado de março de 2003, inédito na integra.

ARGAN, Giulio Carlo. Arte Moderna: do iluminismo aos movimentos contemporâneos. São Paulo, Companhia das Letras, 1992. 709 p.

JAPPE, Anselm. Guy Debord. São Paulo: Vozes, 1999.

JORNAL ENTRE RISCO E RABISCO. Situacionismo. Belo Horizonte: nº 30, ano VII, setembro de 2002.

PRYSTON, Ângela Freire. Cosmopolitismos periféricos: ensaios sobre modernidade, pós-modernidade e Estudos Culturais na América Latina. Recife: Bagaço, 2002. 166 p.

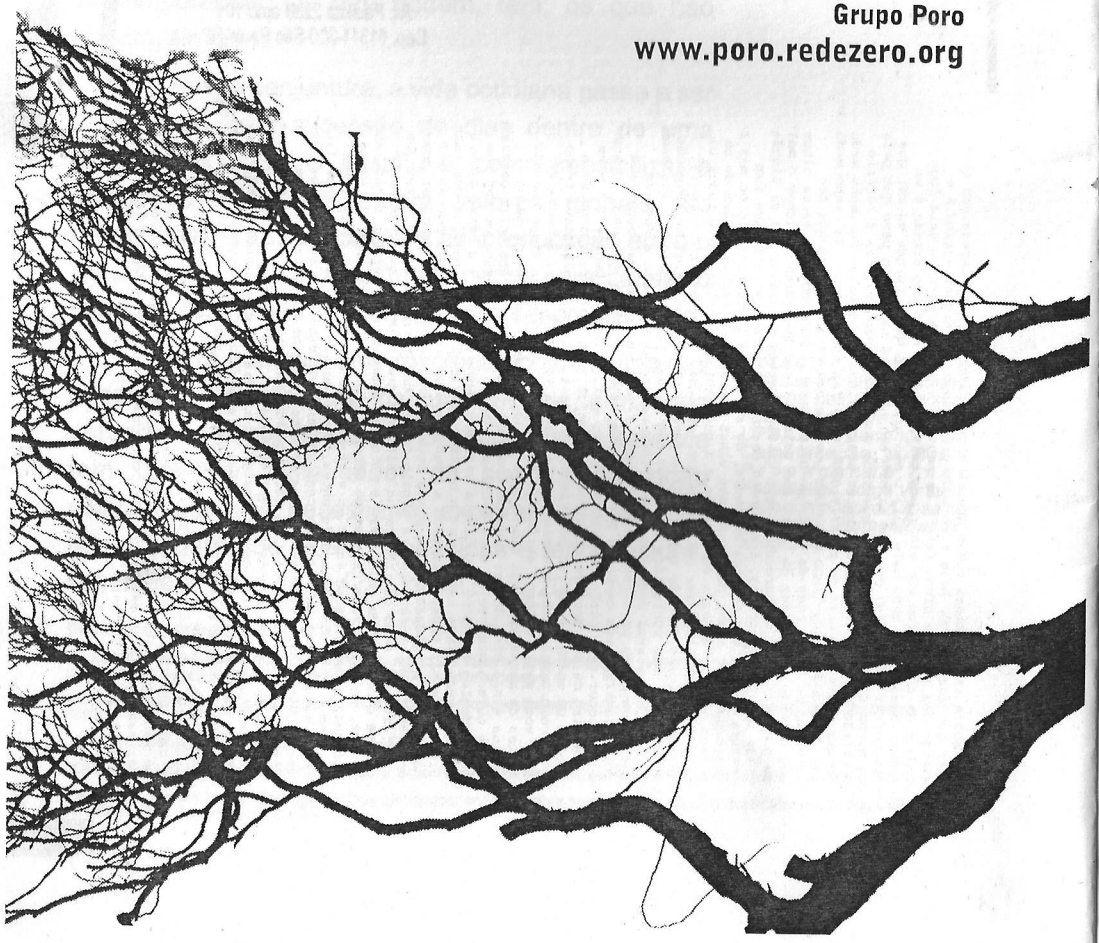


O diabo e essas coisas todas que eu vi num filme hoje, abraçada com quem quer que fosse você, hoje tive medo disso tudo por alguns segundos e quando meu gato me olhou feio e me pediu pra abrir a porta e saiu logo depois de comer, sem nem olhar pra trás, saiu de medo com pressa e eu fiquei aqui com o medo dele mais o meu que é bem maior porque eu sei que vou morrer e eu mesma sou bem maior, ele não pesa nem mesmo peso que pesa só minha cabeça. Os pássaros querendo que o dia amanheça, mas é horário de verão e o dia não vai amanhecer agora, ainda não é hora. Eu tenho medo de ler sobre a teoria da relatividade e já faz tanto tempo. Eu tenho medo das divindades e eu tenho medo das pessoas que estudam e das que não estudam, eu tenho medo de você que está agora aí me lendo com esses olhos que parecem umas bolas de vidro com dois buracos que abrem e fecham e mal se pode ver que são buracos porque estão cobertos de uma camada de alguma coisa que parece resina. E em volta desse buraco tem uma íris que tem textura de concha, textura de pedra, de areia e a gente nunca tocou mas a gente sabe por causa desses mesmos olhos que abrem e fecham e saem de um buraco no meio do osso enorme que é a sua cabeça e abriga quase todos os seus sentidos a não ser pela pele que cobre seu corpo inteiro e sente calor e frio, o que são calor e frio para quem não tem pele? Me lembro quem puder. Nas pontas das suas mãos são unhas, pedaços de unhas que saem e crescem dos seus dedos, que são cinco ou não em cada mão e você tem bicho com pelo pelo corpo e na cabeça. E você se cobre com roupas que você trabalha para comprar. E você gasta dinheiro com drogas para lembrar ou esquecer esse bicho com unhas e pele, pelo e dentes. Dentes que saem de dentro da sua gengiva como rochas saem do meio da terra são os seus dentes de um material que poderia ser pedra e ficam lá molhados o tempo todo como o mar molha a areia da sua língua todos os dias. E todos os dias você passa o tempo abrindo e fechando essas bolas de vidro que são feitas da mesma areia da sua língua e suas unhas e cabelos da mesma resina e não para de ver o mundo com essa sua resina e você enfia coisas nesse buraco que tem na cara e chama de boca. E você tritura coisas com esses dentes e ingere álcool pra esquecer que é bicho e é o mesmo álcool com que você limpa as janelas e o mesmo que você espirra debaixo dos seus braços pra não ficar cheirando a bicho, nossas invenções são poucas mas têm muitas utilidades, você passa creme para sua pele não apodrecer como apodrece tudo. Você ingere e expele fumaça dos carros e dos cigarros que são feitos do mato que cresce no chão de algum lugar em que você nunca esteve e na verdade o chão não é reto, me desculpe por ter que dizer isso a você, por isso você cai quando bebe, o chão não é reto, nem são essas paredes, pode olhar em volta. E você enxerga as cores e as cores todas existem e elas são todas diferentes, mesmo quando está escuro e você fica cego, porque você vai ficando cego ao longo da vida e seus olhos de vidro vão fechando, mas tão devagar que você mal percebe que a casa em que morava quando vai visitá-la é tão pequena, parecia grande porque você era pequeno e você vai crescendo, vai mudando de tamanho se transformando no que está comendo, virando Mc Donald's e trufas brancas e pão ou nada disso. Ou você vai apodrecendo e vai se acabando de não ingerir nada, você vai virando só sua pele e seus órgãos que sozinhos não servem pra muita coisa, você realmente precisa enfiar coisas na sua boca e beber água. E a gente lê letras escritas e escreve letras quase como quem pensa e come quem fala, sem nem pensar que estamos lendo letras e a gente vai pensando que está entendendo o que a outra pessoa estava querendo dizer, mas estamos na verdade só entendendo o que sempre pensamos. E também tem a arte, que é uma outra coisa.

O que pretendemos com nossas intervenções:

1. Apontar sutilezas
2. Criar imagens poéticas
3. Trazer à tona aspectos da cidade que se tornam invisíveis pela vida acelerada nos grandes centros urbanos
4. Estabelecer discussões sobre problemas da cidade (falta de cor, crescimento não sustentável, concreto/vegetação etc)
5. Refletir sobre as possibilidades de relação entre os trabalhos em espaço público e os espaços expositivos "institucionais" como galerias, museus etc.
6. Lançar mão de meios de comunicação popular para realizar trabalhos: cartazes tipo lambe lambe, panfletos tipo milheiro, etc...
7. Reivindicar a cidade como espaço para a arte

Grupo Poro
www.poro.redezero.org



Que P. I. A. é essa?

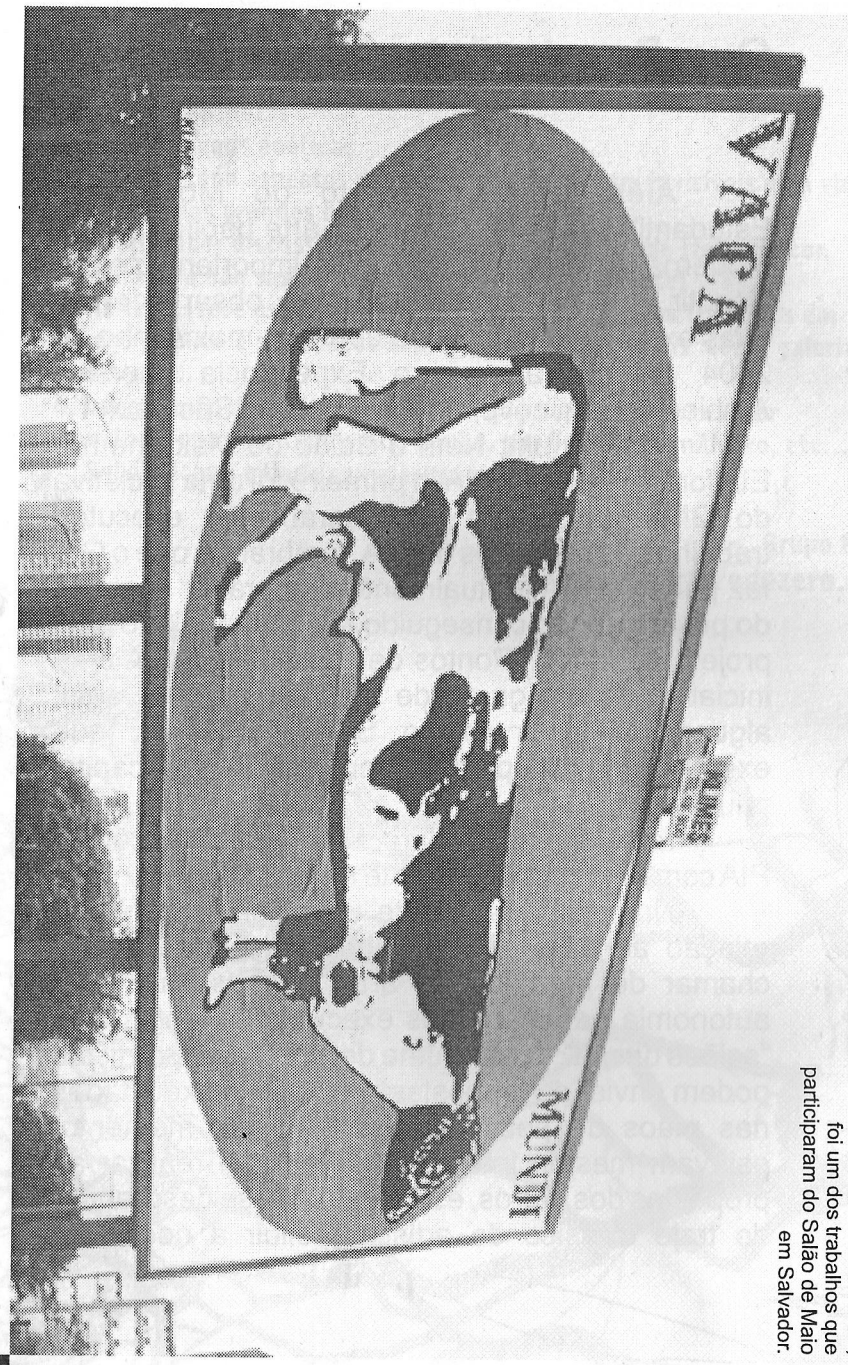
por Luís Parras

Além de um projeto do Movimento Estudantil, ligado ao campo da arte pública e pós-moderna, há um outro fator mais importante pra se discutir, que pode ser muito bem observado em duas experiências, o Salão de maio, maio/junho de 2004 em Salvador e o Experiência Imersiva Ambiental EIA, novembro de 2004 em São Paulo.

Número um: Nem o Salão de Maio, nem o EIA foram idéias do PIA, o primeiro foi uma iniciativa do GIA, que dentro da programação executou trabalhos de membros do PIA, lembrando que o GIA faz parte do PIA e atualmente é operador nacional do projeto, tendo conseguido ser contemplado pelo projeto do MINC "Pontos de Cultura" e o EIA uma iniciativa de um grupo de artistas de São Paulo, alguns, participantes do Salão de Maio, que executaram um projeto semelhante na capital paulista.

Bom até aí está claro. Mas, qual a relação do PIA com este fator importante a se discutir?

Numero dois: Existe uma semelhança em relação ao trato com o trabalho de arte, melhor chamar de proposta de arte, que assume uma autonomia nas mãos dos executores, nestes dois "salões de rua", p. nenhuma de street art, os artistas podem enviar as propostas para serem executadas nas mãos de pessoas, que, naquele momento, estavam mesmo interessadas era em realizar as propostas dos outros, esse é o lance, se desprender do traje clássico de artista e diluir a noção de



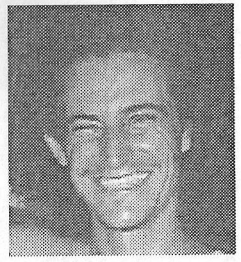
A "Vaca Mundi" de Eduardo Verderame, foi um dos trabalhos que participaram do Salão de Maio em Salvador.

autoria, da necessidade de dizer para deus e o mundo: ei isto aqui é arte tá!

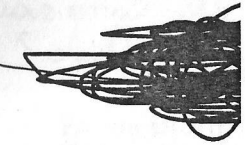
Nestes "eventos", (palavra chata), não existe uma seleção de trabalho, um juízo de valor, há uma vontade construtiva geral, um instigar os esforços criadores individuais num conjunto rizomático de indivíduos sugando e cuspindo os ítens destes esforços. Além do não acúmulo de lixo para novos museus, valorizando o registro. Vale saber que aquilo é arte para um circulo restrito de outros indivíduos que gastam, produtivamente diga-se de passagem, seu tempo discutindo arte ao invés de fome.

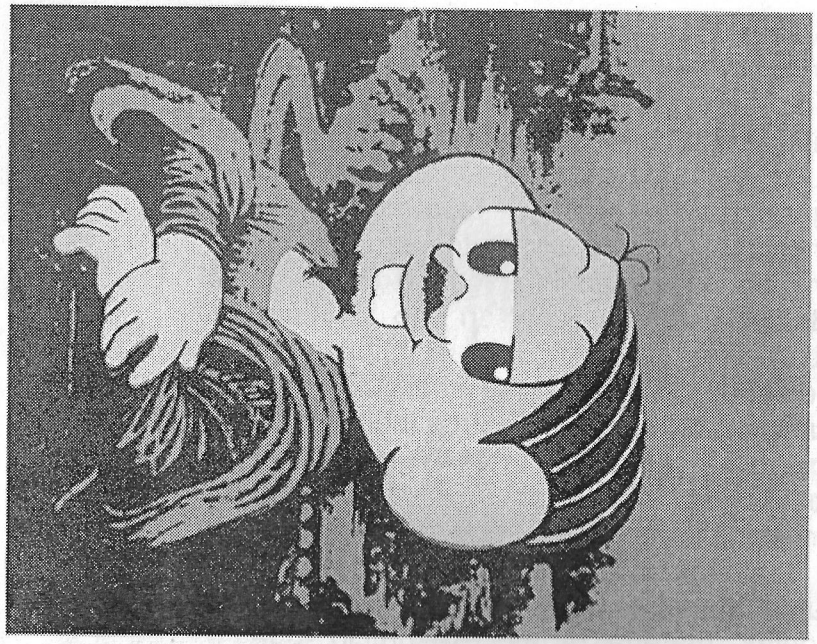
Daí então a importância do registro, uma maneira sábia de fazer perdurar as idéias materializadas. Resquício que é utilizado para montar exposições convencionais para aqueles indivíduos que gostam de discutir arte. Dá até pra organizar uns debates e tal, com uns caras bacanas que já tão na estrada há mais tempo que nós, pererê caixa de fósforo. Mas no fim o grande barato é poder pegar o trabalho de alguém, um carimbo, um panfletinho ou uma parada qualquer e sair por ai executando sem que seu genitor sequer tenha noção de que sua idéia tá por ai solta, mas se puder fazer amizade com este carinha que idealizou o trabalho é melhor, seis podem trocar figurinhas e até virar esse tipo de gente que curte discutir arte.

Mais informações procure pelo blog do PIA ou pela página do EIA (Experiência Imersiva Ambiental), num site de busca.
BOA SORTE !!!



***Luís Parras** é integrante do GIA e escoteiro (que figura!!!)*





M.D.B.G.

2001

Para Priscila,
1ª ação
INVÓLUCROS - M.O.B.G
Com admiração,
Abraço,
Diana Vaz

P.S. Como vai o mestrado? E o Italo? Mande notícias.

20/10/03

INVÓLUCROS 2003 D.V.

Contato: d_vaz@ig.com.br

PRISCILA LOLATA
Av. Princesa Isabel, 80 ap. 2c
Barra Avenida
CEP: 40140-000
Salvador - BA

D.V., *M.O.B.G.*, 2001
Serigrafia s/ papel, 25 x 20 cm
Acervo do artista

Tenho tendência para pedras
Desejo de árvore
Síndrome de cipó.

Entre galhos e pássaros
Finco raízes e
Escalo troncos rumo
As copas.

Persigo o corpo.

Linhas tortas
Não há face nem
Membros, apenas
Ramos.

Um só corpo ramificado
Torto
Pleno.

Caminho vertical
Eixo céu/terra
Pára-raio.

As raízes na terra
alcançam o céu
Nas copas.

Procuro o silêncio
Verde das folhas,
Conheço ninhos
De perto

Descanso

Floriana Breyer / POA
imergir@yahoo.com.br